

CACAUICULTURA

RESGATAR A SUSTENTABILIDADE DO CACAUEIRO

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA CADEIA PRODUTIVA



EDUARDO BASTOS
Diretor executivo da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC)

Quem poderia imaginar que um cultivo tão tradicional no Brasil como o cacau estaria em um nada honroso sétimo lugar no *ranking* global? Até meados do século passado, estivemos em primeiro lugar na produção e na exportação de cacau. Chegamos a exportar mais de US$ 1 bilhão em amêndoas! De lá para cá, fomos ultrapassados por Costa do Marfim, Gana, Indonésia, Equador, Camarões e Nigéria. Peru e Colômbia têm implementado planos de fomento incríveis e buscam nos ultrapassar como número 2 na América Latina.

Temos um parque moageiro para 275 mil toneladas e, há trinta anos, produzimos algo em torno de 200 mil toneladas. Não conseguimos sequer atender a nossa demanda interna. Apesar de termos um dos berços genéticos do cacau e sermos um dos cinco maiores consumidores de chocolate, não conseguimos suprir a demanda local nem atender os mercados globais, que desejam cacau numa ordem de 2% de crescimento ao ano. Isso corresponde a mais ou menos 90 mil toneladas a mais a cada ano. Podemos tomar uma fatia dessa expansão. Ainda dispomos de muitas áreas degradadas conversíveis em sistemas agroflorestais de cacau, bem como uma base de conhecimento, para voltarmos a estar no pódio.

Cacau é uma planta nativa do bioma amazônico, e, por isso, plantar cacau nessa região é reflorestar. Na Mata Atlântica, notadamente nos estados da Bahia e do Espírito Santo, possuímos áreas de florestas nativas preservadas junto ao cacau, na chamada "cabruca". Realizar essa produção significa, portanto, recuperar e preservar a floresta. De quebra, os produtores ainda podem auferir altas rendas por

hectare. Uma lavoura bem manejada pode gerar uma renda bruta de R$ 10 mil/hectare/ano, com taxa de retorno acima de 20%.

Infelizmente, desde a década de 90 do século passado, a produtividade média nacional está na faixa de 300 quilos/hectare/ano. Esse baixo padrão não dá ao produtor uma renda compatível com o trabalho de tocar uma lavoura perene. Na Bahia, nos últimos dez anos, mais de 100 mil hectares com cacauicultura foram derrubados. Esse espaço deu lugar a uma pecuária, em geral, extensiva e de baixo rendimento, mas com muito menos demanda de mão de obra. O produtor, antes de tudo, é uma pessoa pragmática.

Para reverter esse quadro, buscamos a aplicação de técnicas simples para elevar a produção para 1 tonelada/hectare/ano (t/ha/ano). Isso representa cerca de três vezes a atual. Estamos ainda longe do potencial genético da planta – alguns produtores relatam produções de 7 t/ha/ano.

Precisamos suprir as deficiências existentes. Na assistência técnica, contamos com a mobilização e a parceria-chave do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) para apoiar os produtores. Na área sanitária, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) acaba de publicar novidades sobre o controle químico do fungo causador da temida doença vassoura-de-bruxa. Na área de crédito, o governo federal, em parceira com vários atores da cadeia produtiva, introduz novos modelos de financiamento para atividades de longo prazo como a de cacau.

Precisamos desenvolver marcos regulatórios mais claros para os produtores e as indústrias. O estado da Bahia lançou uma nova portaria de manejo da cabruca, enquanto o estado do Pará trabalha um marco para deixar claro que, como sistema agroflorestal (SAF), o cacau é considerado como floresta no que diz respeito ao cumprimento da legislação do Código Florestal.

Felizmente, contamos com muitos atores bons e interessados em mudar a narrativa no sentido da vitória e do progresso. Hoje, os representantes do setor sentam ao redor de uma mesa para debater os temas mais estruturantes. Com os pés no chão, as pessoas dialogam seriamente sobre soluções. Essa é a proposta do CocoaAction.



Acreditamos que apenas essa solução conjunta, moldada a inúmeras mãos, de governos, indústrias, produtores e outros entes relevantes, poderá mudar a história do setor. Como vimos, temos muitos desafios, mas, para cada um deles, propomos resultados viáveis para essa cadeia de mais de R$ 24 bilhões no Brasil. Ela tem jeito; só precisamos nos juntar mais para dialogar mais e, principalmente, fazer mais.

PRIORIDADES DO COCOAACTION BRASIL



PEDRO P. DE F. RONCA
Gerente da iniciativa CocoaAction Brasil

O CocoaAction é uma iniciativa pré-competitiva e público-privada da World Cocoa Foundation (WCF) que busca unir a cadeia de cacau para tratar de temas relevantes em sustentabilidade, colaborando para que as empresas do setor privado trabalhem junto a outros elos da cadeia de valor, unindo esforços e alinhando ações.

No Brasil, o CocoaAction começou em março de 2018 e, atualmente, conta com a participação das empresas Barry Callebaut, Cargill, Dengo, Mars, Mondelēz, Nestlé e Olam, das associações AIPC e Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Cacau, Amendoim, Balas e Derivados (ABICAB), além de representantes de Ministérios (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA –, Ministério do Esporte – ME –, Ministério do Meio Ambiente – MMA – e Ministério do Desenvolvimento Regional – MDR), Secretarias de Agricultura (Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Pará e Rondônia), serviços de extensão dos principais estados produtores, certificadoras, entre outras instituições relevantes do setor. O objetivo é fomentar a sustentabilidade da atividade, com foco no produtor de cacau.

Depois de um ano da estruturação, da criação da governança e da formulação da estratégia para o Brasil, o CocoaAction entra, agora, na fase de implementação.

As prioridades do CocoaAction Brasil, definidas coletivamente pela cadeia, são:

- Melhoria da produtividade*;
- Melhoria da qualidade do cacau;
- Melhoria da gestão da propriedade;
- Prevenção de pragas e doenças (foco na prevenção da monília)*;
- Melhoria das condições de vida e trabalho dos produtores;
- Fortalecimento da organização dos produtores*;
- Juventude, gênero e sucessão familiar;
- Controle do desmatamento e restauração;
- Preservação ambiental e recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APPs);
- Melhoria de SAFs*;
- Organização da cadeia e busca de mais eficiência*;
- Acesso a crédito e regularização fundiária*;
- Gestão da informação da cadeia de cacau*.

*Foco em 2019

O CocoaAction Brasil veio para somar, colaborando para o avanço da cacauicultura brasileira, aproveitando as iniciativas em andamento e propondo novas ações, de forma que a atividade seja mais sustentável e rentável, principalmente para os produtores de cacau.

A iniciativa tem duração estimada de cinco anos (2018 a 2022), sendo coordenada no País pela P&A, empresa de consultoria do agronegócio, em parceria com a WCF.

Para saber mais sobre o CocoaAction Brasil, contatar, por favor:

P&A (representante da WCF no Brasil)
Tel.: (19) 3651-3233
peamarketing@peamarketing.com.br

Todas as prioridades serão trabalhadas por meio de atividades específicas, engajando membros e parceiros ao longo da cadeia durante os próximos anos da iniciativa.

A atuação está concentrada nos três pilares da sustentabilidade – econômico, social e ambiental – e, também, nos temas estruturantes e no ambiente facilitador da cadeia.

A produtividade está diretamente relacionada à renda do produtor advinda da produção, e, como o cenário atual brasileiro é de baixa produtividade em todas as regiões produtoras, esse é um dos principais pilares a ser trabalhado. A questão social engloba condições de vida e trabalho nas regiões cacaueiras e está associada ao nível de renda do produtor e da sua família. O cacau produzido por SAFs ainda tem a vantagem de colaborar com a preservação ambiental nos biomas Amazônia e Mata Atlântica.

DESAFIOS E CAMINHOS PARA A SUSTENTABILIDADE DA CABRUCA




ANDREA APPONI
Diretora executiva do Instituto Arapyaú

RICARDO GOMES
Gerente do Programa de Desenvolvimento Territorial no sul da Bahia

O sul da Bahia tem um grande significado histórico para o Brasil, além de abrigar uma das áreas mais ricas em biodiversidade do País. Há dez anos, atuamos nesse território, e essa relação com a região tem nos propiciado muitos aprendizados e impulsionado os novos movimentos.

Foi na vila de Serra Grande, no município de Uruçuca, que o Instituto nasceu, em 2008, inspirado pela possibilidade de ajudar a transformar uma região em crise em um exemplo concreto de desenvolvimento com sustentabilidade. A complexidade da atuação territorial levou à necessidade de abarcar novas áreas e novos temas.

Ao longo da última década, o nosso trabalho – inicialmente, voltado para a educação, o ordenamento territorial e a formação de lideranças – foi ampliado. Iniciativas voltadas para o fortalecimento das cadeias produtivas, o apoio à gestão pública, a participação cidadã e o empreendedorismo inclusivo, entre outros fins, foram incorporadas ao Programa de Desenvolvimento Territorial do sul da Bahia.

Também é dessa região que saem cerca de 70% do cacau produzido no Brasil. Trata-se de uma cultura que possui o diferencial de se basear em um sistema agroflorestal chamado "cabruca", no qual o cultivo é feito à sombra de árvores nativas da Mata Atlântica. Assim, além de promover a conservação do ambiente natural, esse sistema assegura maior proteção ao ataque de pragas e garante mais qualidade ao fruto.

Muitas iniciativas têm sido criadas, apoiadas e impulsionadas pelo Arapyaú no sentido de amparar esse produtor e ajudar a construir condições para a melhoria dos produtos e a conquista de novos mercados.

Em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Bahia (Sebrae/BA), no início de 2019, levamos um grupo de cacauicultores médios do sul da Bahia a São Francisco (EUA) para conhecer fabricantes de chocolates internacionais que compram cacau direto de produtores, apontados em estudo como um mercado potencial para a compra do cacau de qualidade da Bahia. O objetivo da viagem foi entender o mercado *bean to bar* norte-americano, os critérios de compra, as formas de relacionamento, a sensibilidade para os temas de sustentabilidade, entre outras coisas. A partir dessa experiência, o grupo pretende organizar-se em um consórcio para atender comercialmente aquele mercado.

Também neste ano, realizamos, em fevereiro, o 2° Workshop do Cacau da Bahia – Modelagens Econômicas da Cabruca de acordo com o perfil do produtor. Participaram do evento aproximadamente

quarenta pessoas entre técnicos, acadêmicos, empresas chocolateiras e moageiras, representantes do setor público, investidores e produtores de cacau. O *workshop* evidenciou as premissas mais sensíveis dos modelos econômicos, bem como os casos de sucesso de produtores da região. Vemos um cenário em evolução, com desafios e grandes oportunidades para os produtores locais e para a qualidade do fruto produzido.

É um processo que, a cada ano, cria mais acúmulo de conhecimento e qualifica as nossas ações no sentido de gerar mais impacto positivo. Os debates de 2019 já são desdobramentos de outros realizados em 2018, quando tivemos um importante grupo de discussão com trinta pessoas, incluindo os principais atores do cacau, em torno das políticas públicas para a cadeia cacaueira.

A valorização do cacau do sul da Bahia nos mercados nacional e internacional será impulsionada, ainda, com a criação do selo de Indicação Geográfica (IG) do cacau produzido em 83 municípios da região, autorizado pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) em janeiro de 2018.

A criação do selo de IG é resultado de um trabalho realizado, desde 2014, pela Associação Cacau Sul Bahia (ACSB), com apoio do Arapyaú, do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio) e de outras instituições. A entidade presta suporte técnico e financeiro a quatorze cooperativas e a associações representativas de 3 mil produtores de cacau. O objetivo do selo de IG é assegurar a procedência do cacau baiano e garantir a rastreabilidade da cadeia, além de valorizar as características únicas desse insumo e o compromisso dos produtores locais com o trabalho digno e justo.

Gerando conhecimento e ações conjuntas, seguimos avançando. ■

SOBRE O INSTITUTO ARAPYAÚ

Somos uma fundação privada sem fins lucrativos dedicada a fortalecer redes, organizações e projetos que atuam na linha de frente da promoção da sustentabilidade. Oferecemos apoio estratégico, financeiro e de articulação a iniciativas alinhadas aos nossos princípios e programas prioritários: cidades sustentáveis, mudanças climáticas e o desenvolvimento territorial do sul da Bahia.

